

RASTRO DA EXPERIÊNCIA: LITERATURA COMO HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Leandro Soares da Silva
Doutorando em Literatura Comparada e Teoria Literária- UFMG
Professor Literatura - UNBA
leocapim@gmail.com

RESUMO

Este artigo discute sobre a contribuição da literatura à escrita da história da homossexualidade. O argumento parte da noção de que é por meio da cultura que a experiência de pessoas homossexuais pode ser registrada. Logo, a literatura seria um dos veículos onde essa experiência foi e continua a ser registrada e produzida. Ao retratar as formas literárias dessa experiência, o pesquisador se vê diante de uma “história dos rastros”, isto é, da experiência homossexual como uma série de vestígios deixados no tecido literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Homossexualidade, Teoria Literária.

ABSTRACT

This paper discusses the contribution of literature to the writing of the history of homosexuality. The reasoning is that the experience of homosexual people can be registered through culture, and so, literature is, in this paper, considered a vehicle in which this experience has been and is still registered and produced. By retracing history the researcher is faced with a ‘history of traces’ in his or her tracking of literary forms of homosexual experience as a series of traces left in the literary fabric.

KEYWORDS: Literature, Homosexuality, Literary Theory.

1. INTRODUÇÃO

Em Sodoma e Gomorra há um trecho no qual Proust dá crédito ao empréstimo bíblico do título. É uma passagem interessante, portanto citada inteiramente, à qual nos deteremos em alguns pontos para prosseguir:

Porque os dois anjos que foram postos às portas de Sodoma para ver se seus habitantes – diz o Gênese – tinham feito inteiramente todas aquelas coisas cujo clamor se elevava até o Eterno haviam sido, coisa de que não pode a gente deixar de alegrar-se, muito mal escolhidos pelo Senhor, o qual não deveria ter confiado a tarefa senão a um sodomita. A este, as desculpas: “Pai de seis filhos, tenho duas amantes etc.” não o teria feito baixar benevolmente a espada flamejante e suavizar as sanções; teria respondido: “Sim, e tua mulher sofre as torturas do ciúme. Mas ainda quando essas mulheres não tenham sido escolhidas por ti em Gomorra, passas as noites com um pastor de rebanhos do Hebron”. E imediatamente o teria feito desandar o caminho até a cidade que a chuva de fogo e enxofre iria destruir. Longe disso, deixou fugir todos os sodomitas envergonhados, mesmo se, ao ver um jovem, voltavam a cabeça, como a mulher de Lot, sem por isso serem convertidos em estátuas de sal. De sorte que tiveram numerosa posteridade, na qual esse gesto se tornou habitual, parecido ao das mulheres vadias que, enquanto fingem olhar os sapatos expostos numa vitrina, voltam a cabeça para um estudante. Esses descendentes dos sodomitas, tão numerosos que se lhes pode aplicar aquele outro versículo do Gênese: “Se alguém puder contar os grãos de pó da terra, poderá contar essa posteridade”, se estabeleceram em toda a terra, achavam acesso a todas as profissões e entram com tal facilidade nos círculos mais fechados, que, quando algum sodomita não é admitido neles, as bolas pretas são na maior parte de sodomitas, mas que tem o cuidado de incriminar a sodomia, como que tendo herdado a mentira que permitiu a seus antepassados abandonarem a cidade maldita. É possível que algum dia voltem a ela. Evidentemente, formam em todos os países uma colônia oriental, culta, musical, maldizente, que possui qualidades encantadoras e insuportáveis defeitos. (PROUST, 2008, p. 50-51).

Herdado a mentira. A mentira é necessária para o ocultamento, para poder adentrar em todos os círculos, a custo de negar a própria homossexualidade; uma atitude chamada há algum tempo de “estar no armário”. O armário, esse símbolo curioso, exprime o silêncio e o silenciamento de um segredo público. É o motor do jogo, por vezes atroz, onde o homossexual desempenha o papel daquele sobre quem

todos falam, fofocam, zombam, embora não seja reconhecida publicamente sua condição – nem lhe seja possível, por persistir no armário, se defender. Sua sexualidade será debatida a despeito das mentiras que criará para não chamar atenção a esse aspecto de sua vida. Proust escreveu bastante sobre isso a partir da figura do barão de Charlus no círculo dos Verdurin, por exemplo.

O uso do verbo “herdar” (*ayant hérité le mensonge*) está bem explícito pelo texto no sentido de herança recebida pelos ancestrais, um legado. Uma herança da mentira, mas também das ilusões e dos sonhos (onde *songe* ecoa em *mensonge*). Para que ela exista é necessária uma linhagem, indicada pelo texto mais de uma vez: quando os sodomitas envergonhados fogem, eles dão início a “uma numerosa posteridade”. Depois, “esses descendentes de sodomitas” se espalham por toda a sociedade, até nos clubes mais fechados, num salto temporal intrigante.

O uso de *postérité* para indicar essa descendência também sugere em português a permanência continuada, uma espécie de continuidade através da memória. A passagem propõe uma genealogia da homossexualidade fundamentada na transmissão de uma herança por indivíduos que se “estabeleceram em toda a terra” numa colônia global onde a cultura desempenha papel decisivo.

Partindo dessas observações, este artigo discute a relação da homossexualidade com a literatura, na perspectiva de que existiria no texto literário uma produção de formas de convívio e sociabilidade comumente designadas como pertencentes às pessoas homossexuais. O texto funcionaria como registro dessas formas, ainda que se deva considerar a independência da literatura quanto à necessidade de referentes para se constituir enquanto tal. Falaremos, portanto, de

“vestígios” ou “rastros” para qualificar a presença de simbolizações acerca da homossexualidade, ou como meio para dar conta de uma leitura que busca no texto um elemento elusivo como a sexualidade. Estudar a literatura sob tal perspectiva é construir uma história do “rastro da homossexualidade”, cujas formas literárias e referenciais não são homogêneas. Partindo dos sentidos de herança, posteridade e tradição, chegaremos à justificativa por essa história, cuja escrita implica ordenar e sistematizar o que se encontra em artefatos culturais como os textos literários.

2. HISTÓRIA DO RASTRO

O trecho selecionado do livro de Proust descreve uma dinâmica da sociabilidade homossexual que se verá em detalhes nas páginas seguintes do romance. Conforme anuncia o narrador, ela faz parte de uma tradição. Mais: Sodoma e Gomorra não foram destruídas. Seus antigos habitantes agora são errantes na Terra, misturados em toda gente, mais ou menos visíveis. A aniquilação divina não foi suficiente para exterminá-los. Então nós veremos demoradamente, convida o narrador, exemplos modernos da progênie dessa raça maldita (esta parte do texto é também chamada de “La Race Maudit”). Mas para reconhecer essas pessoas é preciso possuir um saber específico, identificar seus modos de convivência — em outros termos, é preciso fazer parte dessa comunidade. Eve Sedgwick (2008, p. 222) observa sobre esse excerto de Sodoma e Gomorra que “a autoridade mundana capaz de subscrever sozinha esses atributos abrangentes está disponível apenas a um observador que seja ele mesmo

‘descendente dos sodomitas’ e que simultaneamente tenha ‘herdado a mentira’ da projeção e a negação homofóbica.”

Os descendentes dessa raça estão em todos os países, criando colônias orientais cultas, encantadoras, mas também com defeitos insuportáveis. O adjetivo aqui é “oriental”. Sodomitas estão assim como num Oriente do Ocidente. Trazem algo de fascinante, exótico e vicioso. Um oriente que impulsiona o ocidental a desbravá-lo e dominá-lo, como o narrador promete ao leitor. Ele será nosso guia para satisfazer a curiosidade sobre a raça maldita. Seu gesto imperialista vai saciar nossa ignorância sobre o grande segredo público dos homossexuais. É curioso notar implicações subentendidas nesse texto, como o paralelismo com os judeus, e o sentido dessa vontade de saber. Como percebeu Hannah Arendt sobre judeus e homossexuais na obra de Proust:

Ambos sentiam-se superiores ou inferiores, mas em ambos os casos orgulhosamente diferente dos outros seres normais; ambos acreditavam que a sua diferença era um fato natural adquirido por nascimento; ambos estavam constantemente justificando, não o que faziam, mas o que eram; e, finalmente, ambos hesitavam sempre entre a atitude de quem pede desculpas e a afirmação súbita e provocadora de quem se julga elite. (ARENDETT, 1989, p. 107).

Já a lembrança dos sodomitas bíblicos gera o atestado histórico, uma ascendência, para a galeria de personagens e eventos que o narrador promete apresentar a seguir. É o recibo, o certificado de origem dos homossexuais em seu livro. Mais ainda, o narrador anuncia nesse prólogo que oferecerá as provas da onipresença dos sodomitas na sociedade francesa, desde os círculos mais altos até sua relação com as classes subalternas. A consignação através da lenda bíblica assinala o ponto zero na história dos homossexuais. Fiel ao projeto memorialista da obra, a lenda figura como

uma lembrança, um aceno para a memória dos leitores habituados à mitologia das Escrituras de que eles já ouviram antes falar sobre essa gente. Walter Benjamin escreveu, em artigo sobre Proust, que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” (BENJAMIN, 1994, p. 37). Em certo sentido, Proust cria, através dessa lembrança, o momento original que os sodomitas aparecem na História.

No famoso ensaio sobre o narrador, Benjamin comenta o movimento da epopeia ao romance e sugere Mnemosine como deusa da reminiscência e musa grega da poesia épica. O registro historiográfico, porque transmitido pela reminiscência, já existe na epopeia assim como nela já existiam a narrativa e o romance. Ainda segundo o autor, “a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração.” (BENJAMIN, 1994, p. 211). O problema da experiência, de sua pobreza e das formas de transmissão se configuram a partir do momento em que a experiência vivida “transforma-se dialeticamente em uma busca universal”. Como afirma Jeanne Marie Gagnebin (1994, p. 15), a reminiscência evoca “a presença do passado no presente e o presente que já está lá, prefigurado no passado”. É o que Benjamin escreveu nas teses sobre a história: “Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘como ele foi’. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento.” (BENJAMIN, 2012, p. 11).

O relampejo da reminiscência se evidencia como rastro, “presença de uma ausência e ausência de uma presença”, “sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser reconhecido como signo de algo que assinala” (GAGNEBIN, 2012, p. 27). O trabalho

historiográfico sobre a homossexualidade encontra aí um caminho onde percorrer em busca do rastro e do vestígio. A posteridade dos sodomitas, ancorada numa herança artificiosa, é verificável apenas em seus rastros, reconhecível e interpretável sobretudo por um de seus membros. Nesse sentido, trata-se de uma história descontínua. Todo o esforço é dar conta de um tipo de experiência pessoal em momento algum disposta a ser universalizante. Em termos benjaminianos, a vida das pessoas homossexuais não ultrapassaria a esfera da experiência particular (Erlebnis) nem possuiria grandes perspectivas de tornar-se uma experiência coletiva (Erfahrung).

Não por menos, a homossexualidade é gerida em fins do século XIX, quando a tradição narrativa inaugurada no modernismo torna ainda mais tênue o tipo de narrador oral descrito por Benjamin. Essa coincidência, por assim dizer, se traduz na ascensão da homossexualidade como tema durante o período. Oscar Wilde, o homem e a obra, é o exemplo mais acabado de corolário da modernidade em sintonia com a homossexualidade: ele é dândi, esteta, figura pública da metrópole e mártir. Se antes havia uma variedade de atos ilícitos e subversivos – invertidos, sodomitas, “discípulas de Safo” – na era de Oscar Wilde existe o homossexual, o indivíduo não menos perturbador e vicioso, mas plenamente avaliado e submetido a um regime de controle característico. As escolas artísticas da época não passaram invioladas pela presença dessa figura. Nossa compreensão de literatura, no sentido moderno, é contemporânea ao nascimento clínico da homossexualidade. É quando a literatura se torna a forma artística mais significativa para registro da experiência dos sujeitos homossexuais. Essa experiência só se verifica como rastro porque embora o registro ambicione “representar” uma comunidade (ou “raça”, como em Proust), não se consegue ir além

do vestígio sobre uma determinada experiência homossexual. Daí ter sido necessária toda a rede de controle sobre os indivíduos homossexuais, chamada por Foucault de dispositivo de sexualidade, no intuito de controlá-los sob uma identidade. E este foi um projeto, pode-se dizer, bem sucedido, pois somente após os eventos de Stonewall, em junho de 1969 é que essa identidade foi reivindicada através da luta política pela legitimidade e por direitos. Durante o quase século separando a invenção através do discurso médico-psiquiátrico do homossexual em 1870 e o surgimento do movimento gay (depois LGBT) nos anos de 1960, a clandestinidade, a doença e a derrisão marcaram tanto os mecanismos de controle quanto o imaginário sobre a homossexualidadeⁱ.

Tomaremos a liberdade de aproximar do rastro benjaminiano um outro, de Jacques Derrida, para dar conta do aspecto metodológico de se considerar alguns elementos vestigiais da escrita numa abordagem do literário compromissada com a eleição de uma história sobre a homossexualidade. A importância desse gesto ocorre, em primeiro lugar, porque a experiência homossexual se dá sob rasura, e, em segundo, porque o meio mais prolífico para demarcar a vivência homossexual é através dos seus vestígios na cultura.

Para chegar até o rastro (trace) derridiano, vamos antes até a *différance*. A palavra (criada pelo autor com a alteração da vogal *e* para *a* no vocábulo francês *différence*) tem raízes no verbo latino *differre*, cujos sentidos exprimem dois modos de atuação: a de temporização, no sentido de “remeter para mais tarde”, “desvio”, “demora” e “diferir”; e o de espaçamento, a partir do sentido de “não ser idêntico, ser outro, discernível etc.” A diferença gráfica é “imediatamente e irredutivelmente

polissêmica” de um modo que a palavra sem o “a” não é. Ela remete “simultaneamente para toda configuração das suas significações”. Derrida nos avisa que *différance* não é “nem uma palavra nem um conceito” e se articula em “feixe”, apontando para as várias possibilidades inscritas no ato da significação e questionando “a exigência de um começo de direito, de um ponto de partida absoluto, de uma responsabilidade principal”, onde a letra “a” indica ainda que “a problemática da escrita abre-se com o pôr em questão do valor de arkhê.” (DERRIDA, 1991, p. 33-63, passim).

Différance questiona a ideia do signo como secundário e provisório. De acordo com a semiologia clássica, o signo é secundário em relação à presença cuja inscrição ele pretende marcar e provisório por ser um mediador dessa presença original cuja ausência visa suprir. Com a diferença gráfica na alteração do “e” pelo “a”, Derrida põe em relevo a fragilidade da secundariedade do signo, pois *différance* não oculta nenhuma presença; ela revela o “traço de uma relação inaparente” que “[remete] aqui para uma ordem que resiste à oposição, fundadora da filosofia, entre o sensível e o inteligível”, já que *différance* “não pertence nem à voz nem à escrita.” (DERRIDA, 1991, p. 33-63, passim).

A *différance* demonstra, assim, o desaparecimento de uma presença originária que põe em questão o pensamento teleológico, mas não funciona como teologia negativa, substituindo a presença como origem pela ausência. Talvez faça mais sentido dizer que *différance* é a marca de desaparecimento dessa origem, o vestígio que possibilita à metafísica a nostalgia da presença.

O conceito de rastro (trace) se aproxima da *différance*. O rastro derridiano questiona o binarismo da linguística de Saussure no postulado dos signos como jogo de oposições; o rastro sugere a remissão de toda palavra sem nunca chegar a uma presença ou origem fundadora. A repressão do rastro é necessária exatamente para a constituição de um centro, ou antes, de uma origem. Ao situar os signos constituindo pares opostos, a linguística saussuriana dá continuidade ao projeto logocêntrico em que os elementos de um binômio (fala/escrita, presença/ausência, homem/mulher, hétero/homo etc.) já revelam uma hierarquia fundamentada, neste caso, na metafísica ocidental.

O próprio Derrida sugere a aproximação:

A diferença [différance] é o que faz com que o movimento de significação não seja possível a não ser que cada elemento dito “presente”, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo que se chama presente do que àquilo a que chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados. (DERRIDA, 1991, p. 45).

O significado não está presente em si, mas se dá por causa do rastro nele dos outros significados. A *différance* é que possibilita esse movimento, ao minar a ideia de um único centro gerador da significação. Este centro pressupõe uma presença. Já a noção de rastro vem para promover o “abalamento de uma ontologia que, em seu curso interior, determinou o sentido do ser como presença [...] a desconstrução da presença passa pela da consciência, logo, pela noção irreduzível de rastro (Spur)” (DERRIDA, 2000, p. 86).

Gayatri Spivak assim escreveu sobre o rastro:

Derrida dá o nome de “rastros” à parte desempenhada pelo radicalmente outro na estrutura de diferença que é o signo. [...] Não obstante, a linguística saussureana reconhece a estrutura do signo como rastro [trace-structure]. E a psicanálise de Freud, em certa medida, reconhece a própria estrutura da experiência como rastro e não como presença [a trace-, not a presence-structure]. (SPIVAK, 1997, p. xvii).

As remissões operadas pelo rastro, no movimento de *différance*, apontam justamente para a rasura da noção de experiência, se não para desaparecimento do próprio sujeito:

O traço [rastros] é a desaparecimento de si, da sua própria presença, é constituído pela ameaça ou a angústia da sua desaparecimento irremediável, da desaparecimento da sua desaparecimento. Um traço [rastros] indestrutível não é um traço, é uma presença plena, uma substância imóvel e incorruptível, um filho de Deus, um sinal de parousia e não uma semente, isto é, um germe mortal. (DERRIDA, 2009, p. 336).

O rastro, então, se indica alguma coisa, é o vestígio de uma presença originária, ausente, que se constitui através da “dupla força de repetição e de desaparecimento, de legibilidade e de ilegibilidade.” (DERRIDA, 2009, p. 331). Daí para que o sujeito seja entendido como um “sistema de relações entre as camadas [...] do psíquico, da sociedade, do mundo” (DERRIDA, 2009, p. 332), basta considerar que a ausência dessa presença originária é a condição da própria experiência. Não por acaso, estas últimas citações foram retiradas de um texto de Derrida sobre Freud. Se há algo que a psicanálise nos mostrou, escreve Giorgio Agamben (2005, p. 51), é “que as experiências mais importantes são aquelas que não pertencem ao sujeito, mas ao ‘id’ (Es)”ⁱⁱ.

Este aspecto precário da experiência nos interessa para considerar a própria experiência da homossexualidade, conforme suas formas de reprodução na literatura,

como refratárias à totalização, ou seja, a um princípio derivado da noção de presença – receba ele os nomes de essência, verdade ou substância. Esta experiência, cujos rastros são visíveis na reprodução literária, nos informam sobre a construção de uma espécie dedicada de sujeito como o Outro legitimador daquele Mesmo que atende pelo nome de heterossexual. Ler a homossexualidade como rastro implica investir contra tudo que foi necessário para produzi-la a fim de que a heterossexualidade se constituísse como par principal do binômio hétero/homo. Se o movimento da *différance* pode nos ajudar em algo é na contestação da norma hétero como a origem daquilo que, na homossexualidade, falharia em ontologia e substância, sendo apenas uma versão equivocada e defeituosa da heterossexualidade. E o próprio binarismo é ameaçado perante a repressão que enseja quando se contesta que não existe “o” homossexual, mas várias maneiras de experimentar homossexualidades e sexualidades diversas. Podemos rever ainda a experiência homo como diferida e diferente diante da norma cuja presença foi preciso erigir para dar sentido ao Mesmo e para reiterar, através do Outro, seus mecanismos de reprodução.

3. CONCLUSÃO: LITERATURA E HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Não obstante toda luta política e a tradição homossocial da literatura canônica, a experiência homossexual permanece e vigora como a outra numa relação hierárquica com a heterossexualidade. Compreendê-la como rastro nos permite questionar os termos dessa relação. Quando se menciona a primazia recebida pela homossexualidade no cânone literário – explicada, em parte, pelo exclusivo domínio

masculino da questão durante séculos – está se investindo numa desnaturalização da norma que evidencia seu caráter repressivo. Se na literatura sempre houve vestígios da homossexualidade, digamos “alta” literatura, por que a menção marginal à relação de ambas? Ora, porque a homossexualidade é um fenômeno recente, e mais recente ainda a busca por sua legitimidade, podemos responder apoiando-se no historicismo. Mas também podemos responder que a interpretação da homossexualidade no texto precisou ser reprimida para que a literatura viesse a ser uma disciplina cujos usos são principal e incansavelmente não literários. A prova mais exorbitante é que esse tratamento marginal é dedicado não só a escritores, críticos e estudiosos de literatura comprometidos com a homossexualidade, mas também àqueles empenhados com as questões feminina, negra, indígena, de classe, de raça, de etnia, de origem e de todas as diferenças em relação à hegemonia; sobretudo porque não é necessário nenhum comprometimento consciente com o poder hegemônico, basta apenas apelar a essas entidades que atendem pelo nome de “valor artístico”, “literatura pura”, “alta literatura” etc. – geralmente invocadas quando se pretende demarcar espaços de valorização e cujos significados nós temos a obrigação de questionar.

Existe outro motivo para chamar a estes vestígios de homossexualidade no texto literário de rastros. Como tal, nosso saber sobre a homossexualidade nunca é senão experiência diferida, rasurada, porque não temos acesso senão a uma versão mediatizada de sua presença, portanto jamais presente, jamais possível de ser registrada sem alguma estratégia violenta de centralização. Isto nos previne investir de uma atitude reguladora sobre a diversidade de gênero, e simultaneamente nos

concede a desconstrução dos métodos de invenção (criação, engenho, produção) e reprodução da homossexualidade.

Uma leitura *des-viada* lidaria com a diferença e o rastro onde eles incidem sobre a homossexualidade, seja para seu desvelo ou para a desconstrução do ideal regulador do masculino, que é a norma estruturante das nossas sociedades.

A história desses rastros está na pletera de imagens e cenas descontínuas que nos informam demasiado sobre o que desejamos resumir sob o nome de “homossexualidade”, na ausência de outro melhor. Perante a impossibilidade de posteridade genética, alguns dos documentos disponíveis mais acessíveis para essa história são esses documentos da cultura, como o texto literário.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: obras escolhidas I*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009, 4a ed.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Apagar os rastros, recolher os restos”. In: SELDMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 27-38.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Walter Benjamin ou a história aberta”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: obras escolhidas I*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 7-19.

PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Tradução de Elena Quintana. São Paulo: Globo, 2008, 3a ed.

SEDGWICK, E. K. *Epistemology of the closet*. Califórnia: University of California Press, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Translator’s preface.” In: DERRIDA, Jacques. *Of grammatology*. Baltimore, Maryland: The John Hopkins University Press, 1997, p. ix-lxxxvii.

Recebido em 01 de fevereiro de 2016

Aceite em 13 de junho de 2016

Como citar este artigo:

SILVA, Leandro Soares da. Rastro da Experiência: Literatura como História da homossexualidade. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p 227-241. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie14.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.

ⁱ Neste arco de tempo estaria um eixo em que se podem distinguir as identidades de “homossexual” e “gay”, esta última advinda dos movimentos de liberação sexual e “entendida como um estilo de vida multidimensional estruturado a partir de uma opção homossexual”, isto é, que passa de uma postura de “autodefesa a uma de autoafirmação, do questionamento da legitimidade da própria existência à afirmação inequívoca da mesma” (BARCELLOS, 2006 p. 25-7). Logo, segundo essa diferenciação, a identidade “homossexual” estaria num contexto menos esclarecido e mais negativamente marcado, porque anterior às mudanças dos movimentos gays pós-Stonewall.

ⁱⁱ A tradução brasileira deste livro optou por verter o alemão *Es* por “aquilo”. Porém, em português, convencionou-se traduzir *Es* pelo latino *id*, seguindo as edições em língua inglesa das obras de Sigmund Freud. A convenção foi aqui adotada para se ajustar ao contexto.